



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

## RACISMO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UM OLHAR SOBRE *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE MONTEIRO LOBATO



## RACISM IN BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE: A LOOK UPON *REINAÇÕES DE NARIZINHO* BY MONTEIRO LOBATO

Remerson Bezerra MENEZES  
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Aline Maria Freitas BUSSONS  
Universidade Regional do Cariri, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 24/06/2021 • APROVADO EM 29/01/2022  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3556>

---

### Resumo

---

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um renomado escritor, considerado o pai da literatura infantil brasileira, sendo a saga do Sítio do Picapau Amarelo sua principal obra. O presente artigo objetiva analisar e dar visibilidade às expressões racistas contidas em uma de suas narrativas: *Reinações de Narizinho*. Para tanto, o trabalho toma os recentes debates sobre raça, racismo estrutural e representação de personagens negros na literatura – Schucman (2012), Almeida (2018) e Lima (2005). A análise também parte do recorte de trechos nos quais se identifica estereótipos negativos atribuídos às pessoas negras. Na articulação

entre os debates atuais sobre literatura e racismo e a análise dos excertos, o artigo propõe uma leitura de *Reinações de Narizinho*, dando ênfase às questões raciais – questões fundamentais para o trabalho com a obra na escola e na sociedade.

---

## Abstract

---

Monteiro Lobato (1882-1948) was a reputed writer considered the father of Brazilian children's literature, being the saga of *Sítio do Picapau Amarelo* his main work. This article aims to analyze and give visibility to racist expressions contained in one of his narratives: *Reinações de Narizinho*. Therefore, the work takes the recent debates about race, structural racism and the representation of black characters in literature – Schucman (2012), Almeida (2018) and Lima (2005). The analysis also starts from the gathering of excerpts in which negative stereotypes attributed to black people are identified. In the articulation between the current debates on literature and racism and the analysis of excerpts, the article proposes a reading of *Reinações de Narizinho*, emphasizing racial issues – fundamental topic for working with the book at school and in society.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato. Racismo estrutural. Literatura. Identidade negra. Educação antirracista.

**Keywords:** Monteiro Lobato. Structural racism. Literature. Black identity. Anti-racist education.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Nascido em 18 de abril de 1882, em Taubaté (SP), José Bento Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato, foi um escritor, contista, editor, tradutor, empresário e pensador brasileiro que, por meio de suas obras, trouxe críticas políticas, econômicas e sociais a respeito do Brasil. A Literatura foi sempre um fascínio na vida de Lobato que, apesar de ser forçado pelo avô, o visconde de Tremembé, a cursar Direito, não foi o suficiente para impedir sua paixão pela escrita, o que resultou em diversas obras consideradas fundamentais para o acervo literário brasileiro, entre elas se destacaram as aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

O Sítio, que ao todo é composto por vinte e três obras, é uma das maiores referências na literatura infantil brasileira, cuja leitura é repleta de imaginação, fantasias, crenças e ensinamentos que reforçam a relevância deste clássico para a cultura nacional. No entanto, a narrativa do escritor é também permeada de expressões racistas referentes, sobretudo, à personagem Tia Nastácia.

Diante desse fato, o Conselho Nacional de Educação (CNE) lançou o Parecer CNE/CEB nº 15/2010 a respeito da obra *Caçadas de Pedrinho*, denunciada de conter teor racista<sup>1</sup>. Apesar de haver, em outros momentos, discussões a respeito

---

<sup>1</sup> A denúncia foi encaminhada por Antônio Gomes da Costa Neto em junho de 2010 fazendo referência aos estereótipos atribuídos a personagem negra Tia Nastácia, como também a trechos que apresentam expressões racistas relacionadas a alguns animais.

da posição do autor à frente de questões raciais, a denúncia do livro é tida como o estopim das mais recentes críticas e questionamentos acerca do uso de sua produção literária nas escolas.

Na mesma direção, o presente trabalho se propõe a destacar expressões racistas na obra *Reinações de Narizinho* (2019) por se tratar de um importante debate social na atualidade. Convém ressaltar que não é nossa proposta censurar a obra literária, mas propor uma reflexão, a partir da visibilidade, a respeito do racismo na literatura infantil – tendo como ressaltado a lobatiana – para estarmos atentos ao que é direcionado a este público que ainda está em plena formação educacional, social, cultural e cognitiva.

Para a realização desta análise, utilizamos os estudos de Almeida (2018) que apresenta uma visão do racismo como um problema estruturado na sociedade; Lima (2005) que reflete sobre a representação de personagens negros na literatura infantojuvenil, dando ênfase às ilustrações que compõem obras literárias; e o de Schucman (2012) no qual a autora investiga como os conceitos de raça e branquitude são pensados na contemporaneidade.

Tendo ciência, ainda, da vasta e crescente produção acerca da temática, a saber, o racismo nas obras de Monteiro Lobato (cf. MORAES, 1997; LAJOLO, 1998; LIMA; JOB, 2014; DEBUS, 2011), aqui se propõe mais um olhar, com destaque para as questões raciais, sobre sua obra. Dada a relevância do tema para a escola e para a sociedade, pressupõe-se que leituras diversas dão maior visibilidade ao tema, contribuindo para o debate acerca da estruturação do racismo no Brasil.

### **Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira**

A respeito da origem da literatura infantil brasileira, Lajolo e Zilberman (2007) destacam que se deu por volta dos séculos XIX e XX, quando o país ainda passava por diversas mudanças<sup>2</sup>. Nessa época, havia escassez de material infantil no Brasil, pois o que existiam eram adaptações da literatura infantil europeia que eram traduzidas para o português de Portugal e levadas a território brasileiro, o que acarretava, devido às variações entre o português europeu e o português brasileiro (já bem estabelecidas à época), um problema para as crianças leitoras. Com base nesse contexto, as autoras ainda explicam que “esta distância entre a realidade lingüística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre-séculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.29).

Com o intuito de transformar esse cenário, Monteiro Lobato funda algumas editoras no Brasil. Uma delas recebe o nome do próprio fundador: Monteiro Lobato & Cia, onde passou a editar e publicar seus livros, entre eles, *A menina do narizinho arrebitado* em 1920, obra pioneira para o público infantil, cujo sucesso deu origem a coleção de obras do Sítio do Picapau Amarelo.

A primeira versão do livro foi um sucesso absoluto de modo que o autor decide, após dez anos, ampliá-lo com novas histórias acrescentadas, unificando-as em um único livro que se intitula *Reinações de Narizinho* (1931). Na trama, os personagens que compõem o Sítio são Lúcia, que também é identificada como

---

<sup>2</sup> Mudanças, sobretudo, relacionadas à Proclamação da República.

Narizinho, Pedrinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, Rabicó, Visconde de Sabugosa e entre outros que surgem no decorrer das aventuras.

O universo do Picapau Amarelo, tendo existência secular, possibilita que não só o leitor, mas também a sociedade em geral, reflita sobre questões sociais importantes, como a escravidão de pessoas e o racismo no Brasil. A linguagem, nessa perspectiva, é uma importante pista para a compreensão das relações sociais desiguais – produto da ideologia racista que estruturou a sociedade brasileira e fundamentou a escravidão. A posição da personagem Tia Nastácia, mulher negra e cozinheira do sítio, ao chamar a Dona Benta de *sinhá*, mulher branca e proprietária do sítio, é um bom exemplo disso.

Outro ponto importante é apontado por Lima (2005), partindo do pressuposto que as obras literárias significam não unicamente pela linguagem verbal e sim também pela não verbal, mostra o papel importante das ilustrações no que se refere ao racismo na literatura infantojuvenil, pois os personagens negros são pouco representados e, quando surgem nas histórias, são remetidos a imagem de escravos ou empregadas domésticas, como é o caso das ilustrações analisadas da personagem Tia Nastácia no Sítio do Picapau Amarelo.

Retomando os comentários de Lajolo e Zilberman (2007, p.54) que afirmam que:

[...] o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil — e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.54).

É importante, ainda, pontuar que Monteiro Lobato ocupa seu lugar no que diz respeito às contribuições para o campo da Literatura Nacional. O autor projeta o Sítio de Dona Benta como um cenário que contém aspectos representativos de sua pátria – folclore, petróleo, ruralismo – assim como do mundo em um modo geral – cultura internacional, avanço tecnológico e outros elementos. Não obstante, toda a sua grande contribuição, muito tem se debatido sobre o racismo em suas obras e é em torno dessa questão que se desenvolve o presente trabalho.

Podemos alegar que a presença do racismo é resultado de longas datas, principalmente no que se refere ao seu desenvolvimento histórico no Brasil. Em linhas gerais, podemos adiantar que o Sítio reproduz o racismo de uma sociedade racista, a brasileira.

Nessa perspectiva, é preciso (re)pensar como abordar a obra de Lobato em sala de aula, tendo em vista as pautas das relações étnico-raciais que estão constantemente em debate na atualidade. Vale frisar também que a função da literatura infantil deve enquadrar uma dimensão ética, pois é possível (e necessário) discutir questões sociais e temas específicos, tais como, a fome em decorrência da pobreza, os medos que permeiam com frequência o imaginário das crianças, a morte como um mistério da vida, o abandono e os preconceitos existentes na sociedade moderna, sobretudo o racismo a fim de, através da consciência e da visibilidade, educar a respeito da diversidade étnico-racial.

## O racismo estrutural e a obra de Lobato

A presença do racismo no Brasil é constitutiva, quer seja nos discursos ou nas ações das pessoas, perdurando desde o sistema escravocrata até a contemporaneidade. Assim, o racismo que é uma construção ideológica foi se consolidando ao longo dos tempos, manifestando-se ainda hoje como uma prática enraizada bastante presente no dia a dia.

Almeida (2018) contextualiza três categorias atreladas à raça, das quais o racismo se enquadra. O autor entende os conceitos de racismo, preconceito racial e discriminação racial como questões distintas a serem repensadas. Contudo, não é o foco do nosso trabalho discutir estes conceitos isoladamente, por isso enfocaremos apenas o conceito de racismo, enquanto processo estrutural, que julgamos ser a categoria mais presente no nosso debate.

Conforme Almeida (2018, p.39, 40):

o que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática [...] entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. (ALMEIDA, 2018, p.39, 40).

Desse modo, entendemos que o racismo se configura como um processo pautado dentro de uma perspectiva estrutural que pode ser evidenciado por meio de condutas perceptíveis ou veladas. Da mesma maneira, observamos que este tipo de preconceito se caracteriza enquanto propagação de ódio que vai muito além de um ato individual.

Schucman (2012, p.33) argumenta que o racismo está inserido em um contexto sócio-histórico emergido do conceito de raça e que, portanto, pode ser compreendido como uma “construção ideológica”. Este pensamento de raça foi utilizado para categorizar a humanidade que, no século XVIII, seguiu enquanto critério principal, a cor de pele, classificando a espécie humana em três raças, a saber, branca, amarela e negra (MUNANGA, 2004).

No caso do Brasil, “os estudos de relações raciais nos mostram que a cor e o conceito de raça estão atrelados ao imaginário social brasileiro, e, portanto, há uma discriminação racial atrelada à de cor” (SCHUCMAN 2012, p.44). Essa constatação reverbera a compreensão de que o racismo se mantém relacionado a cor de pele somado com os estereótipos negativos que lhe são constantemente atribuídos.

Matos (2006) menciona que no discurso ocidental, as representações entre branco e negro são antagônicas. Nesta dicotomia, enquanto o branco representa a pureza, o negro representa justamente o oposto. Dessarte, a palavra negra está associada a um sentido negativo reforçando o lugar do racismo presente também na linguagem quando, por exemplo, evita-se usar a palavra negro para usar moreno, como se negro fosse qualificativo de algo ruim.

A linguagem, aliás, está repleta de expressões racistas que circulam não só na literatura, na mídia, mas também no cotidiano. Essas expressões não apenas refletem a construção secular do racismo no Brasil, como reproduzem esse mesmo

racismo quando relacionam a cor ou estereótipos raciais ao caráter e comportamento, por exemplo.

O racismo estrutural da sociedade brasileira pode ser identificado no Sítio do Picapau Amarelo quando temos uma narrativa em que uma mulher negra assume o papel estereotipado de cozinheira, bem como nas constantes expressões racistas que permeiam a obra. A título de exemplificação, por vários momentos, nos deparamos com o comportamento espevitado da famosa boneca de pano (Emília) dirigido a querida Tia Nastácia com falas extremamente preconceituosas, chamando-a de *preta como carvão*, *beijuda* e entre outras comparações ofensivas.

A discussão do racismo nas obras lobatianas não se restringem apenas aos livros infantis, isto é, o autor da turma do Sítio que teve uma vida permeada de polêmicas, escreveu um romance futurístico nomeado de *O choque (das raças)* em 1926 com o intuito de publicar nos Estados Unidos para tornar-se um *best-seller*. A obra, que foi renomeada posteriormente como *O presidente negro*, foi rejeitada pelo seu conteúdo racista e que, portanto, ofendia a integridade da população afrodescendente.

Além disso, em uma das notas de rodapé de sua biografia narrada pelas autoras Marisa Lajolo e Lilia Schwarcz é relatado que:

Monteiro Lobato, em carta de 10 de abril de 1928, chamou o Brasil de “país de mestiços” e ainda ajuizou “um dia se fará justiça ao Klux Klan<sup>3</sup>”. O autor errou ao apoiar um movimento considerado racista até mesmo naquele contexto daquela época. (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019, p.44).

Lobato, enquanto crítico, nem sempre esteve correto em suas posições. Por esse motivo, ainda hoje se travam discussões com respostas controversas que têm como objetivo apontar se ele era ou não era racista. O autor que faleceu em 1948 e até hoje, não teve seu pensamento esquecido, pelo contrário, permanece vivo como foi bem afirmado em sua biografia: “não volto como fantasma puxando a perna das pessoas: volto nas minhas histórias, que me mantêm vivo enquanto alguém gostar de lê-las...” (LAJOLO; SCHWARCZ, 2019, p.68).

Não obstante a todas as críticas que as suas obras vêm recebendo ao longo dos tempos com relação às questões raciais, Monteiro Lobato goza de grande prestígio e não desmerecemos seu lugar no espaço literário. No entanto, as passagens que apresentam discursos racistas são incontestáveis e merecem devida atenção para que, dentre outras coisas, repensemos de que forma o público infantil, especialmente as crianças negras, se sentem ao encarar essas expressões no momento da leitura.

Na seção seguinte, a partir de uma releitura da obra literária de Monteiro Lobato, propomos uma análise crítica desses episódios com ênfase nas questões voltadas para o racismo e assim esperamos contribuir, de alguma maneira, para a utilização da obra infantil nas escolas.

---

<sup>3</sup> Ku Klux Klan (KKK) foi um movimento estadunidense que defendia a superioridade de raças do qual o escritor brasileiro expressou admiração. Esse grupo defendia a ideologia eugênica que apontava para a superioridade da raça branca sobre outras.

## Um olhar sobre Reinações de Narizinho

Para a realização da pesquisa, fizemos uso da recente edição *Reinações de Narizinho* (2019) organizada pela pesquisadora Marisa Lajolo e publicada pela Companhia das Letrinhas que decidiu preservar a escrita original do autor, razão pela qual optamos por selecioná-la. Logo após uma releitura minuciosa da obra, realizamos um procedimento de recorte do texto a fim de compor o corpus desta pesquisa, tendo como critério de seleção o conteúdo racista dos excertos, reiterando a visibilidade equivalente a essa discussão. Tendo isto sido realizado, prosseguimos para a análise.

Já no primeiro capítulo do livro, enquanto as apresentações iniciais dos personagens são feitas, surge a primeira expressão que adjetiva Tia Nastácia: “Na casa ainda existem duas pessoas – Tia Nastácia, *negra de estimação* que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo” (LOBATO, 2019, p.9, grifo nosso). O termo *negra de estimação* expresso pelo autor apresenta um teor racista pela representação do negro como um animal. Posto isto, fica evidente que essa animalização desumaniza Nastácia colocando-a em um patamar inferior.

Para Lajolo (2009, p.19), Monteiro Lobato tratava a língua portuguesa como “matéria maleável” no sentido de moldá-la para o emprego de neologismos. É bem verdade que o consagrado pai da literatura infantil brasileira gostava de utilizar este tipo de linguagem em suas histórias, conforme observamos em *borboletograma* (LOBATO, 2019, p.48) que significa o envio de resposta escrita nas asas de uma borboleta. Apesar disso e entre outros argumentos que visam explicar o termo *estimação* com o significado de afetividade, nota-se que o uso da palavra *negra* antes, traz uma associação voltada para o escravismo, fazendo também um paralelismo à expressão animal de estimação e, assim, percebemos a representação animalizada de Tia Nastácia colocando-a em um patamar inferior.

Na sequência, Lúcia decide passear juntamente com Emília pelo ribeirão no fundo do pomar, quando se deitou no chão prestes a dormir, observou sobre o seu rosto o Mestre Cascudo e o Príncipe Escamado que dialogavam tentando examinar seu nariz:

- Creio que é de mármore – observou. (...)
- Muito mole para ser mármore. Parece antes requeijão.
- Muito *moreno* para ser requeijão. Parece antes rapadura – voltou o Príncipe. (LOBATO, 2019, p.10, grifo nosso).

A expressão que destacamos aqui é *moreno* que é identificada no fenótipo<sup>4</sup> de Narizinho sendo “morena como jambo” (LOBATO, 2019, p.9). Referindo-se dessa forma, alguns brasileiros não se declaram como sendo negros por causa dos estereótipos negativos relacionados a esse grupo de classificação que é decorrente do racismo estrutural. Dentre algumas outras formas de identificação, encontram-se: pardo, moreno mais claro e pessoa de cor que corroboram para a permanência

---

<sup>4</sup> Fenótipo é um conceito ligado ao estudo da Genética e pode ser entendido como características morfológicas de um indivíduo, sendo nesse exemplo, a cor da pele da personagem. Neste viés, o fenótipo é considerado um fator na manifestação do racismo e em consequência, precisa ser levado em conta para sua desconstrução.

das representações estereotipadas ao negro na nossa cultura (SCHUCMAN, 2012). Essa tentativa de branqueamento que está enraizada na sociedade brasileira como forma de ofuscamento na luta dos negros, intenciona em vantagem, superioridade e privilégios por parte dos brancos, revelando assim a natureza do racismo.

No trecho que foi destacado, *moreno* aparece para evidenciar a cor da personagem. Embora seja um termo considerado normal no cotidiano, entendemos que pela ausência de discussão positiva no tocante a identidade negra, as pessoas reproduzem essa expressão que faz parte de um contexto racista. Por meio desse fato, fica claro que um marcador das manifestações racistas no Brasil é a dimensão fenotípica e por isso, estarmos atentos à linguagem é primordial para não reproduzirmos o racismo.

Em certa ocasião, Narizinho é convidada pelo Príncipe Escamado a visitar o Reino das Águas Claras e durante sua discussão com Dona Carochinha, o autor faz uma comparação bem preconceituosa: “Dona Carochinha botou-lhe a língua – uma língua muito magra e seca – e retirou-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma *negra beijuda*” (LOBATO, 2019, p.16, grifo nosso). O termo aqui utilizado repete-se em outra passagem em que a boneca de pano faz alusão a Tia Nastácia afirmando sobre Narizinho: “– Princesa!... Princesa que ainda toma palmadas de Dona Benta e leva pitos da *negra beijuda*! (...)” (LOBATO, 2019, p.51, grifo nosso).

Da mesma forma, a descrição do *beijo* de Tia Nastácia é reproduzida como uma animalização, pois Lobato estava ciente desse pormenor quando Narizinho afirma para Emília em outra passagem: “- Lábios, aliás. Beijo é de boi.” (LOBATO, 2019, p.39), ou seja, a expressão *negra beijuda* é racista por aviltar a identidade da personagem que é negra.

Um fato curioso que chama atenção do leitor é a constante referência que o autor faz a Tia Nastácia pela sua cor de pele. Além de *negra beijuda*, encontramos outros termos como *preta* e *negra velha* que lhe são atribuídos ao longo do texto, motivo esse, apontado por Schucman (2012), como ligado a discriminação racial pela ênfase dada a cor. Porém não encontramos passagens em que o escritor se refira a Dona Benta pela sua cor chamando-a de branca com adjetivos pejorativos do modo feito com Nastácia. Dessa forma, é possível perceber que Lobato apresenta duas senhoras no Sítio, mas com posições distintas, especificamente a de Tia Nastácia que é inferiorizada racialmente em vários episódios.

Em outra passagem, a turma do Sítio resolve dar uma festa para os personagens clássicos dos contos de fadas que residiam no País das Maravilhas. Então, com a chegada de alguns deles, surge o filho do Patinho Feio que – outrora virara cisne – se depara com a Marquesa de Rabicó que lhe profere a seguinte afirmação:

Assim que entrou, Emília, que já tinha visto Tia Nastácia matar um pato, foi depressa cochichar-lhe ao ouvido:

- Não saia daqui, não vá à cozinha, ouviu? Lá mora uma *fada preta* que não tem piedade nem de frangos, nem de patinhos. Pega os coitados e vai logo lhes torcendo o pescoço. Sabe para quê? Para assá-los no forno, imagine!... (LOBATO, 2019, p.151, grifo nosso)

Com relação a esse excerto, a expressão *fada preta* emitida pela boneca gente é questionável, pois geralmente a imagem concebida de fadas nos contos de fadas é a de um ser bom e inofensivo, cuja maioria são representadas sendo loiras



ou brancas no estilo europeu, porém vale salientar que existem outros tipos de fadas, por exemplo, a fada boa, a fada madrinha e ainda a fada malvada que assume o papel de bruxa. Observamos que o discurso de Emília para o Patinho se propõe em difamar Nastácia como um ser preto malvado. É a partir da cor que ela distorce o sentido de fada enquanto um ser protetor, definindo assim a construção de um pensamento racista.

A festa no Sítio do Picapau Amarelo que recebeu diversos personagens das histórias encantadas acaba se tornando um episódio discriminatório quando Tia Nastácia é convocada para servir café aos célebres convidados:

Quando Tia Nastácia entrou na sala com a bandeja de café, seus olhos se arregalaram de espanto. (...)  
 - Quem é ela? – perguntou Branca de Neve ao ouvido da boneca enquanto a *negra* servia o café.  
 - Pois não sabe? – respondeu Emília com carinho de malandra. – *Nastácia é uma princesa núbia que certa fada virou em cozinheira. Quando aparecer um certo anel, que está na barriga dum certo peixe, virará princesa outra vez.* (...) (LOBATO, 2019, p.153, grifo nosso).

Percebemos nessa passagem que o contexto da sentença muda de fada para princesa e cozinheira. Almeida (2018, p.51) contextualiza que o racismo está integrado em um “complexo imaginário social” que é intensificado pelas indústrias, educação e meios comunicativos, tomando como exemplo as novelas reproduzidas na TV em que o perfil de mulheres negras é representado pelo trabalho doméstico. É esse o caso apresentado nesta passagem em que uma cozinheira negra concebe a imagem de condenação. Em consonância, Lima (2005) expõe o mesmo pensamento ao analisar ilustrações de Nastácia feitas por diferentes artistas da época que expressam características de menosprezo, contrário a estética e postura de personagens brancos.

Nesse cenário, ainda se trava outra ocorrência:

Todos tomaram café, menos Cinderela.  
 - Só tomo leite – explicou a linda princesa. – *Tenho medo de que o café me deixe morena.*  
 - Faz muito bem – disse Emília. – *Foi de tanto tomar café que Tia Nastácia ficou preta assim...* (LOBATO, 2019, p.153, 154, grifo nosso).

Novamente a fala de Emília constitui-se preconceituosa pela ênfase dada na tentativa de justificar a cor de Nastácia. Ademais, é possível identificar também o medo da princesa Cinderela em ficar *morena*. Então, percebemos que existe uma ausência de discussão positiva a respeito da identidade negra que, por este ângulo, enxergamos o racismo na cena.

Em outro ponto, o leitor se depara mais uma vez com outra situação na qual Emília apresenta um comportamento considerado ruim e após ser criticada por Tia Nastácia, a boneca de pano a desrespeita dando-lhe língua. Curiosamente, em

seguida, Dona Benta assegura que ela havia praticado um ato feio deixando-a mais irritada ainda, porém Emília não desrespeita Dona Benta. Logo após:

Narizinho foi espiar o que Emília estava fazendo. Encontrou-a no cantinho da sala onde era o seu “quarto”, muito atarefada em botar os seus vestidos e brinquedos nas caixas de papelão que lhe serviam de mala. Mas notou que Emília só botava os vestidos e brinquedos que ela, Narizinho, lhe havia dado. Os outros, dados pela *negra*, jaziam no chão, amarrotados e pisados aos pés. Emília estava seriamente ofendida (...) Ia arrumando as malas, ao mesmo tempo que dialogava com o cavalinho.

- Não é à toa que ela é *preta como carvão*.

- ?

- Mentira de Narizinho! Essa *negra* não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. *Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer*. (LOBATO, 2019, p.168, grifo nosso).

Dessa forma, fica evidente que a boneca xinga Tia Nastácia pela sua cor de pele associando-a ao carvão, sendo este um caso nítido de racismo. Além disso, Emília muda seu pensamento a respeito de Nastácia afirmando que ela não era fada, já que antes havia dito *fada preta*, bem como nem era branca. Entretanto, o que chama atenção nessa passagem são o discurso de ódio e a agressividade propagados através da fala da boneca que é notoriamente racista pela ênfase que foi dada acerca da personagem que nascera preta e morreria daquela forma.

Por fim, a última passagem que destacamos é o episódio que se desdobra no espetáculo do circo de cavalinhos em que Pedrinho declara a suposta ausência de Tia Nastácia, pois ela estaria envergonhada de comparecer no evento por ser *preta*:

Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita gente que as desconhecia. Trepou a uma cadeira e disse:

- Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a princesa Anastácia. *Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura*. (LOBATO, 2019, p. 195, grifo nosso).

Sob este aspecto, observa-se que Dona Benta é apresentada com toda maestria, enquanto, Tia Nastácia, é caracterizada como uma princesa e não mais como fada na fala da boneca Emília anteriormente. Apesar disso, analisamos que o trecho apresenta uma visão extremamente racista por denunciar que ser preto, conforme o excerto, assume uma posição de maldição na qual exalta um outro padrão de beleza, a saber, *princesa loura*.

Partindo dessa compreensão, existe uma relação entre a suposição que Narizinho fez referente a Nastácia com os castigos que alguns vilões promovem nas histórias infantis estrangeiras. A título de exemplificação, é comum que um

príncipe encantado vire sapo através de uma maldição lançada por uma bruxa ou fada malvada. Com este paralelo, é notável perceber o trecho direcionando que ser negro é uma forma de punição – a princesa loira transformou-se em uma princesa negra. Isto comprova, ainda que sutilmente, o racismo presente na associação feita pelo autor que, a propósito, está bastante equivocada.

Para isso, entendemos a representatividade de pessoas negras como uma questão bastante significativa. Gomes (2005, p.43) declara que a identidade negra é uma “construção social, histórica, cultural e plural”, portanto, construí-la em uma sociedade que, por muito tempo, ensinou que para ser aceito nela é necessário negar-se, equivale a um enorme desafio para os negros.

Nesse sentido, representação é um fator muito importante para a desconstrução do racismo como ideologia, em que a população negra sempre esteve representada como indivíduos que não contribuem para a literatura, para a sociedade, para a ciência e assim por diante.

### **Considerações finais**

Retomando a problemática investigada, a pesquisa se propôs a evidenciar expressões de cunho racista na literatura de Monteiro Lobato. Nessa perspectiva, buscamos analisá-las de acordo com os estudos que tratam da temática racial, ademais observamos que novas janelas foram abertas para futuras análises em outros horizontes.

A presente pesquisa é fruto de uma análise introdutória que esperamos, a partir dessas reflexões, oferecer contribuições ao acervo de estudos relacionados ao campo da Literatura para a construção de novos caminhos, inclusive, no tocante ao ensino de literatura infantil na escola por se tratar de um espaço no qual o racismo está propenso a circular e se reproduzir.

Consideramos a figura do professor enquanto um mediador de leitura como função primordial na tentativa de utilizar a obra para a compreensão do racismo enquanto processo histórico e político e, para além disso, propondo sua utilização “à luz da consciência contemporânea” (ROCHA, 2015, p.12). Dessa maneira, não haverá um negacionismo a respeito da existência do racismo, mas proporcionará aos leitores uma visão panorâmica da realidade na qual o Brasil está inserido.

Cabe enfatizar que ser negro(a) não deve ser visto como uma maldição, condenação ou quaisquer adjetivos negativos que lhe possam ser atribuídos. Ainda que constantemente a sociedade brasileira enxergue a figura do negro como uma posição inferior, o movimento antirracista milita no sentido oposto. Em outros termos, se assumir negro(a) trata-se de um motivo de orgulho.

Levando em consideração que a literatura exerce um potencial capaz de influenciar a cosmovisão da criança e, conseqüentemente, forjar um caráter crítico que promova o respeito, cabe ressaltar que apesar de uma literatura ser racista, como é o caso da lobatiana, é possível o professor utilizá-la de forma crítica na sala de aula como uma ferramenta para apontar o contexto histórico e desconstruir o preconceito e outros tipos existentes na escola.

Além disso, consideramos que se por um lado apagar obras do passado ou sendo mais específico, descartar Monteiro Lobato do currículo escolar, seria anular

traços da historicidade brasileira, tendo em vista que através das obras literárias é possível (re)conhecer o contexto histórico de uma sociedade, por outro lado, é necessário também repensar suas abordagens como um caminho para a construção de uma educação antirracista na atualidade.

Portanto, concluímos através deste trabalho que a discussão de que se há racismo nessa obra específica de Monteiro Lobato é respondida afirmativamente. De fato, apagar tais aspectos da obra lobatiana é apagar registros inseridos em uma perspectiva histórica. Por esse motivo, enfatizamos a importância de apontar tais elementos e discuti-los na sala de aula com os alunos para uma educação antirracista.

---

## Referências

---

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

LAJOLO, Marisa Philbert. Linguagens na e da literatura infantil de Monteiro Lobato. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 15-29.

LAJOLO, Marisa Philbert; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LAJOLO, Marisa Philbert; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando o Racismo na escola*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101-115.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

MATOS, Patrícia Ferraz de. *As côres do império: representações raciais no Império Colonial Português*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004.

ROCHA, José Geraldo da. Se te derem um limão, faça dele uma limonada: reflexões sobre racismo na obra de Monteiro Lobato. *Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil*, v. 8, n. 2, p. 7-13, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. 160 f. Tese (Doutorado –

---

### Para citar este artigo

---

MENEZES, Remerson Bezerra; BUSSONS, Aline Maria Freitas. Racismo na literatura infantil brasileira: um olhar sobre *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1430-1442, nov.-dez. 2021.

---

### Os Autores

---

**Remerson Bezerra Menezes** é graduando em Letras Português/Inglês com suas respectivas Literaturas pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/URCA) e como colaborador voluntário no subprojeto Letras - Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/URCA). Possui interesse em pesquisas nas áreas de Linguística Aplicada, Literatura Infantil e Infantojuvenil.

**Aline Maria Freitas Bussons** é mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2004) e graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2000). Professora do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri.